

Pouça gente, pelo menos no Rio de Janeiro, personifica tão bem as últimas tendências do que José Camarano. Profissionalmente, ele é um badalado produtor — claro — de moda. Tem no currículo até o feito de ter co-produzido o famoso ensaio para a revista "W" clicado por aqui em dezembro, quando Madonna encontrou Jesus, o modelo. Visualmente, Camarano é um grito *fashion* cheio de personalidade: topete avantajado, no melhor estilo 50's, e roupas sempre descoladas. No dia-a-dia, o rapaz de 29 anos, nascido em Minas, conduz uma rotina, de fato, contemporânea. Assim que acorda, alcança o laptop na cabeceira da cama, abre o Facebook, o parente *cool* do Orkut, e se atualiza sobre os acontecimentos noturnos da sua "rede social", que inclui 686 pessoas. Daí em diante, Camarano só se desconecta quando fecha novamente os olhos.

— Eu queria uma tela de computador presa ao cinto para andar por aí. Imagina que legal? Hoje em dia, eu vou ao banheiro com o iPhone.

Antes de pegar no sono, ainda fico com ele debaixo do edredom, no ar-condicionado, postando coisas, fofoca ou trabalho.

Mais trabalho — diz.

Minuto após minuto, hora após hora, pelo iPhone o produtor acompanha as últimas notícias da galera e posta mensagens, vídeos, fotos.

Camarano alimenta ao mesmo tempo o Facebook; o Twitter, mais nova febre dos conectados; o MySpace; o Iqons, uma rede só do povo da moda; e a TV Gema, um canal virtual que criou com amigos e hoje virou sucesso na internet. Além de onipresente na rede, Camarano é onipresente na cidade. Não tem festa, evento, badalação em que ele não de as caras. Durante o verão, por exemplo, foi à praia quase todos os fins de tarde. Obviamente, narrou os acontecimentos no Coqueirão, na Praia de Ipanema, o ponto de encontro de seus pares, em tempo real. Por incrível que pareça, o sujeito ainda trabalha: produz editoriais, desfiles, comerciais. E é dono de brechó. Como Camarano tem tempo para tudo isso? Eis a questão.

— Claro que gera ansiedade. Eu fico muito ansioso o dia inteiro. Parece que você está sempre perdendo alguma coisa — reconhece.

O sociólogo polonês Zigmunt Bauman começa o prefácio do livro "Modernidade líquida", de 2001, com uma análise precisa e ferina desses nossos tempos de rapidez e inconsistência, com um fragmento de um texto do filósofo francês Paul Valéry, escrito lá no início do século: "Toda a questão se reduz a isto: pode a mente humana dominar o que a mente

humana cria?" Diversas correntes de pensamento, das mais humanistas, como a filosofia budista, às mais, digamos, capitalistas, como a turma do Novo Clube de Paris, que inclui de matemáticos a ministros e presidentes de bancos, coordenado pelo Banco Mundial e criado para estudar o que chamam de "bens intangíveis", acreditam que estamos chegando a um limite muito perigoso. E estamos perdendo o jogo. Ultra-conectados — como José Camarano, um rapaz que decidiu estar no epicentro de toda e qualquer novidade — ou não, passamos a viver o tempo imposto pela tecnologia de comunicação, a indústria que mais se desenvolveu nas últimas duas décadas, em que tudo é possível em questão de segundos. O lado bom disso todos nós alardeamos e usufruímos: a internet trouxe o planeta para a tela dos nossos computadores e o celular — agora com internet — nos tornou pessoas acessíveis, capazes de emitir e receber informações a qualquer momento, de qualquer lugar. Podemos até ir à praia e, simultaneamente, contar para os amigos todos os babados, Não precisamos mais ir ao correio, ao banco, ao supermercado. Tudo ficou prático, ao alcance dos dedos. O lado ruim é que perdemos, literalmente, a noção do tempo.

— Por que não paramos mais? Porque o mundo se transformou num enorme contêiner de coisas a serem consumidas e aproveitadas. A arte de viver hoje consiste em conseguir espremer nas horas do dia o maior número possível de coisas muito excitantes e oportunidades que não podemos perder de jeito nenhum. Um fenômeno ocasionado pela tecnologia de comunicação — diz Bauman, em entrevista exclusiva ao GLOBO, publicada na íntegra no fim desta reportagem. — Como chegamos a esse ponto? Cegueira? A resposta depende do ponto de vista. O fato é que vivemos uma era que abortou o tempo vazio, o tempo que não é preenchido com o consumo de imagens, sons, gostos, impressões táteis. Nos tornamos seres incapazes de sobreviver sem estímulos. O tempo vazio não é mais levado em conta como tempo de reflexão, mas de tédio.

Se você é do tipo que enquanto fala ao telefone fuma um cigarro e passa os olhos nos emails sem nem se dar conta, já deve estar se perguntando: e daí? Não é bom viver assim, conectado, ágil, em dia com as novidades, sem tédio? A boa nova é que talvez não. Talvez o inteligente no momento seja exatamente o contrário. Muitas cabeças privilegiadas andam pensando sério no assunto. O significado de tempo — ou o que estamos fazendo com o nosso tempo — virou uma questão. *

te

Por Karla Monteiro

Arte de Heleno Bernardi*

Tempo, tempo, tempo, mpo

Fomos investigar porque andamos correndo tanto. E descobrimos que a última moda segundo diversas correntes de pensamento é parare pensar na vida



* Heleno Bernardi é artista visual e diretor de criação da Casa da Criação

>• No Novo Clube de Paris, por exemplo, a discussão gira em torno do que chamam de "sociedade do conhecimento" em contraponto ao que presenciamos hoje, a denominada "sociedade da informação". Não é complicado entender os conceitos dessa turma, que inclui desde o ministro da Indústria do Japão até o presidente do nosso BNDES, passando por pesquisadores e representantes de países como Alemanha, Suécia, Finlândia e Israel. Segundo o matemático Marcos Cavalcanti, pesquisador da Coppe/UFRJ e integrante desse seletor clubinho parisiense, a linha de raciocínio é a seguinte: a partir de meados dos anos 90, aconteceu o "povoamento virtual". Com isso, aumentou a circulação de "conhecimento explícito". Ou seja, informação pura e simples. De uma hora para outra, todo mundo passou a ter a possibilidade de se tornar um ser humano bem informado. Só que a avalanche detonou uma quase catástrofe: a redução de pessoas capazes de produzir "conhecimento tácito", aquilo que só o indivíduo pode fazer. Trocando em miúdos, não dá para apenas saber a receita do bolo. É preciso desenvolver a habilidade de fazer o bolo ficar gostoso.

— Não adianta só ter informação. Um computador manipula melhor do que qualquer ser humano o conhecimento explícito. O que o computador não sabe é se está faltando uma pitada de sal para realçar o doce do bolo. E esse tipo de conhecimento só é gerado com reflexão, concentração, investimento pessoal — diz Cavalcanti. — Aí entra a questão do tempo. Em vez de correr para não perder nada, o ideal nesse momento é consumir pouca informação e parar para pensar. As pessoas que desenvolverem a capacidade de gerar conhecimento tácito estarão bem no futuro, valorizadas, insubstituíveis.

A sociedade da informação está migrando para a sociedade do conhecimento. Isso é um fato. O frenesi de informações causa angústia, insatisfação, ansiedade e nenhum conteúdo. O que está faltando na vida das pessoas é espaço, é se dar um tempo.

Quando bancos, ministros, matemáticos comecem a repensar é porque a coisa não está funcionando, gerando lucros, sendo produtiva para ninguém. No departamento de políticas do BNDES a galera já anda gastando as horas para pensar no tempo, nessa tal sociedade do co-

nhecimento que está chegando. A chefe do grupo se chama Helena Tenório, uma mulher de fala mansa, simpática e muito didática. Segundo ela, o banco está trabalhando na criação de mecanismos para medir bens intangíveis, que não podem ser mensurados pelo viés econômico. Na classificação de riscos de uma empresa na hora de conceder um empréstimo, agora o BNDES quer incluir, por exemplo, "capital humano", levando em conta se os funcionários têm plano de remuneração, treinamento eficiente, tempo livre, satisfação. Helena garante que não se trata de dar uma de bonzinhos. Pelo contrário. A lógica é paradoxalmente financeira. Uma empresa para sobreviver ao que ela chama de "economia do conhecimento" — e para pagar o empréstimo — vai precisar de gente que pensa. Helena defende idéias que estão longe de ser atitude de patrão: escritório em casa, horário livre, cumprimento de tarefas em vez de cumprimento de horas.

— Na economia do conhecimento, o custo muda. O custo é o tempo das pessoas que detêm conhecimento. A idéia é que o tempo dessas pessoas seja maximizado. Elas precisam de espaço para se dedicar àquilo que sabem fazer. Maximizar isso é gerar valor — diz Helena. — A geração de valor não está mais no número de horas trabalhadas, mas no emprego eficiente do conhecimento. Por isso a missão do banco está mudando. Não podemos mais ficar ligados somente na indústria tangível. Temos que olhar para o futuro e o futuro é isso, é conhecimento.

No mundo hoje há 1,57 bilhão de pessoas que usam a internet e 3,3 bilhões com celulares. São disparados todos os meses uma média de 2,4 trilhões de mensagens de texto. A informação circula de forma rápida, curta e precisa, desprovida de questionamentos. Num planeta assim, tão rapidinho, como se faz para parar e ficar pensando na vida? Existe fórmula para sair da roda-viva? Muita gente tem buscado a paz — literalmente — nas filosofias alternativas. Não é à toa que o budismo, uma filosofia fincada na questão do tempo, virou uma febre mundial, já com cerca de 246 mil seguidores no Brasil. O pensamento oriental bate numa tecla que ressoa na cabeça de quem não agüenta mais tanta inconsistência: estar 100% presente no instantes

* Auto-ajuda? Sim, auto-ajuda. Por que não? Na sede da Comunidade Zen do Brasil, no bairro de Higienópolis, em São Paulo, a líder espiritual Cláudia Souza, ou Monja Coen, a budista mais pop do país, com colunas em revistas moderninhas como a "TPM", recebe todos os dias centenas de paulistanos desesperados em busca de um pouco de — adivinha? — tempo. Tempo mental. Ela receita técnicas de meditação que podem ser praticadas no dia-a-dia louco da capital, como respirar conscientemente. O treinamento consiste em parar nos momentos em que se sentir mais assoberbado e prestar atenção na respiração por alguns minutos. Quem pratica, como a comentarista esportiva Soninha, garante: funciona.

— Temos tantas informações e tantas opções que ficamos atormentados para cobrir mais coisas do que somos capazes. Mas é preciso ter inteligência para escolher. A vida não pode ser uma gincana — comenta Monja Coen. — A ansiedade é o que nos dá a impressão de que não temos tempo. Quando estamos no presente, vivendo o instante, focados, nós somos o tempo. O tempo não está separado de nós. O problema é que com tanto a abarcar a gente deixa a mente vagar para o futuro, para a próxima atividade, para o que ainda não realizamos. A respiração consciente te devolve a sanidade; te traz para o aqui, agora. Minha mestre sempre dizia: "Veja a beleza do caminho." Estamos passando correndo, não é?

A psicanalista paulistana Bel César, autora de "O livro das emoções", trabalha justamente com a ilusão do tempo. No sentido mais cru e literal da existência humana. Ela acompanha pacientes terminais até a morte. Para realizar a proeza de ajudar uma pessoa a morrer, Bel diz que precisa despertar o lado direito do cérebro. O esquerdo, segundo ela, é analítico, racional, calculista, julgador, cronológico. Já o direito proporciona a experiência da pura contemplação, do lúdico, do desapego. A fórmula para conseguir que seus pacientes penetrem nessa outra dimensão é, por exemplo, fazê-los ouvir música, histórias de contos de fadas, mostrar fotografias, pinturas. Arte em geral.

— Eu percebo nos pacientes terminais, que estão há muito tempo acamados, sem agenda, sem estímulos externos, o surgimento de uma dominância quase natural do hemisfério direito do cérebro. As pessoas tendem a se tornar contemplativas. Ficam em frente à TV e não enxergam. São ativadas pela imagem a penetrar nesse lugar atemporal, que os gregos chamavam de *kairos* — comenta Bel. — Os pacientes que entram nesse *kairos* se desprendem da expectativa, da ansiedade. Meu trabalho é

acelerar esse processo de contemplação. A pessoa vai relaxando e se libertando da pressão do tempo. O ideal seria que a gente conseguisse trazer o *kairos* para a vida. E não esperar a iminência da morte para tentar alcançá-lo.

Praticamente vizinho de José Camarano, nosso afoito personagem do início desta história — um mora na Lagoa e o outro, em Ipanema —, o arquiteto Argus Caruso já busca o tal do *kairos*. Sua história é a seguinte: em dezembro de 2001, ele partiu de Cordisburgo, interior de Minas, terra de seu avô e de Guimarães Rosa, para uma volta ao mundo de bicicleta: três anos e meio, 35 mil quilômetros, 28 países. O rapaz atravessou lugares como Irã, Timor Leste e boa parte do continente africano. Para quê? Argus tinha um projeto, o Pedalando e Educando, e escolheu uma

bicicleta como meio de transporte para "ir bem devagar, com tempo para ver e cumprimentar as pessoas". Saiu daqui montado numa bicicleta barata, sem patrocínio, apenas algumas empresas apoiando o seu projeto de educação à distância, munido de duas cameras fotográficas, uma filmadora, um laptop, um GPS, um fogareiro e um saco de dormir. Tinha só um objetivo: "Pedalar sempre para o Oeste, como quem busca o pôr-do-sol."

De volta há quatro anos, o arquiteto, claro, retomou a labuta. Radicou-se no Rio, onde constrói casas de gente bacana, como o apartamento da artista plástica

Adriana Varejão, mas também surfa diariamente. Ele ainda anda às voltas com o lançamento do livro de fotografias "Caminhos", que deve chegar as livrarias no meio do ano — aliás, uma tradução perfeita da ilusão do tempo, captada nos mais diversos cenários. Mesmo novamente inserido no dia-a-dia, Argus faz tudo no seu tempo. O rapaz tenta separar um momento no dia só para pensar nas suas idéias, que são muitas. Uma delas é outra grande peregrinação, dessa vez pelo Brasil, com o projeto Escola do Mundo. E de carro, comum trailer adaptado, que ele já passou dos 30. Conversar com o sujeito é uma viagem. Ele está sempre matutando. E sempre sobre formas eficientes de ter uma vida bacana sem entrar na piração, sem precisar de muita grana, realizando uma coisa de cada vez. Será que Argus é o novo homem, o homem da sociedade do conhecimento? O futuro dirá, se os especialistas que prevêem uma mudança de comportamento e de valores estiverem certos.

— Quando estava na universidade, tinha muita pressa para tudo, fazia mil trabalhos, concursos, estágios... Não parava. Mas tinha muita velocidade sem ter direção. A viagem de bicicleta me ajudou a mudar isso, definiu meus objetivos. E isso é muito mais importante que a velocidade. Sigo sem pressa, mas também sem perder tempo. ●

'Estamos constantemente correndo atrás. O que ninguém sabe é correndo atrás de quê'

Professor emérito das universidades de Leeds e de Varsóvia, 83 anos, autor de *best-sellers* como "O mal-estar da pós-modernidade", "Modernidade líquida" e "Amor líquido", o sociólogo polonês Zigmunt Bauman é um ferrenho analista das conseqüências sociais do que conhecemos como progresso. Nesta entrevista por email, ele discorre sobre a correria do nosso tempo com o seu jeito claro, objetivo e muito particular.

REVISTA O GLOBO: O que mudou na nossa percepção do tempo com o avanço das tecnologias de comunicação? Por que andamos com tanta pressa?

ZIGMUNT BAUMAN: Na sociedade contemporânea, somos treinados desde a infância a viver com pressa. O mundo, como somos induzidos a acreditar, tornou-se um contêiner sem fundo de coisas a serem consumidas e aproveitadas. A arte de viver consiste em esticar o tempo além do limite para encaixar a maior quantidade possível de sensações excitantes no nosso dia-a-dia. Essas sensações vêm e vão. E desaparecem tão rapidamente quanto emergem, seguidas sempre de novas sensações a se perseguir. A pressa—e o vazio—é fruto disso, das oportunidades que não podemos perder. Elas são infinitas se acreditamos nelas.

Como chegamos a esse ponto de estresse e, talvez, cegueira?

Cegueira? Depende de como você olha para o comportamento atual. Muitas pessoas, especialmente os jovens que nunca viram outras formas de viver, diriam que eles mantêm os olhos e os ouvidos muito abertos, e estão muito mais alertas e vigilantes do que os mais velhos, que viveram épocas menos frenéticas. Eles diriam mais: que estando tão alertas, e rapidamente pegando no ar as possibilidades, eles são os sábios, os que sabem viver a sua época. Esse ritmo é o ritmo do tempo que habitam, um tempo que abortou o que eu chamaria de tempo livre, o tempo não preenchido com o consumo de imagens, sons, gostos e sensações táteis. Somos dependentes dos estímulos externos: as mensagens que chegam no celular, o iPod, as conversas pela internet. A alternativa para o tempo não preenchido com esses estímulos não é mais vista como tempo de reflexão, de auto-questionamento, de conversa consigo mesmo, mas de tédio. Nós somos seres que se escoram no que vem de fora. Perdemos a capacidade de nos auto-estimular. Estar sozinho — a liberdade de gastar o tempo com nossos próprios pensamentos, per-

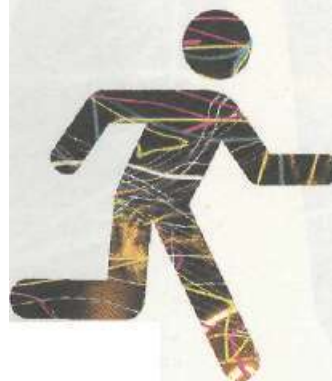
seguida e sonhada por nossos ancestrais — é identificado hoje com solidão, com abandono, com a sensação de não pertencer. No MySpace, no Facebook ou no Twitter, o ser humano enfim conseguiu abolir a solidão, o olho no olho consigo mesmo.

O que o senhor apontaria como o epicentro da aceleração que tornou o mundo tão rápido e tão raso ao mesmo tempo?



A sociedade pegou a estrada de uma vida orientada somente pelo consumo. O ser humano autossuficiente e satisfeito nas suas necessidades materiais ou espirituais perdeu o jogo para o mercado. Qualquer caminho que satisfaça os desejos e que não esteja ligado a compras e lucros é amaldiçoado. Vivemos o tempo do conecta e desconecta.

Quando visitamos lugares como o Tibete temos a impressão de que eles vivem outro tempo, que têm um relógio diferente do nosso. Quem está mais próximo do tempo real, os tibetanos ou os nova-iorquinos, por exemplo?



O tempo jorra em todos os lugares. E nós envelhecemos no Tibete ou em Nova York. Mas a experiência da passagem do tempo nós organizamos de maneira diferente, dependendo da sociedade em que estamos inseridos. Na maior parte da história da Humanidade, tínhamos basicamente duas formas de organização: o tempo cíclico, que se repete dia após dia, ano após ano, vivido pelas sociedades agrárias, como o Tibete. E o tempo linear, que marcha, move em direção ao futuro, dominante nas sociedades industriais e que expressa essa idéia de modernidade, progresso. O que estamos percebendo em Nova York — ou no Rio — é uma terceira e relativamente nova organização do tempo, que ganha terreno no que eu chamo de modernidade líquida: uma forma de vivenciar a passagem do tempo que não é nem cíclica e nem linear, um tempo sem seta, sem direção, dissipado numa infinidade de momentos, cada

um deles episódico, fechado e curto, apenas frouxamente conectado com o momento anterior ou o seguinte, numa sucessão caótica. As oportunidades são imprevisíveis e incontroláveis. Então a vigilância sem trégua parece imprescindível. Esse tempo da modernidade líquida gera ansiedade e a sensação de ter perdido algo. Não importa o quanto tentamos, nunca estaremos em dia com o que aparentemente nos é oferecido. Vivemos um tempo em que estamos constantemente correndo atrás. O que ninguém sabe é correndo atrás de quê.